

# PEDRO — JOÃO PAULO II — ROCHA E PASTOR

Pe. Ney Brasil Pereira  
Professor de Exegese

A proximidade da segunda visita de João Paulo II ao nosso País, em outubro próximo, onze anos depois da primeira, sugeriu-me retomar e aprofundar, neste número de ENCONTROS TEOLÓGICOS, um artigo-crônica de jornal que elaborei em 1980 e que saiu publicado no matutino "O Estado", de Florianópolis, na edição de 29.06.80 (não anotei a página), aproveitando a comemoração do "dia do Papa". Retomarei, pois, quase literalmente, o corpo do referido artigo-crônica, esforçando-me por, depois do texto retomado, aprofundar exegeticamente as duas metáforas — Rocha e Pastor — aplicadas a Pedro e, hoje, a João Paulo II.

"O Papa vem aí. Por coincidência, no dia seguinte ao da festa litúrgica dos apóstolos Pedro e Paulo (1), festa que na Igreja Católica é comemorada também como "dia do Papa". Não serão fora de propósito, pois, no dia de hoje (2), estas reflexões.

"A preparação da vinda do Papa, envolvendo Igreja e Estado e, principalmente, sendo "notícia" rentável, vem ocupando largos espaços (3) nos noticiários. Noticiários que realçam, o mais das vezes, detalhes de escasso interesse real: o carro em que vai locomover-se, o quarto onde vai dormir, a "lavagem" do Cristo do Corcovado (que, afinal, recuperou sua cor original. . .), o custo desta ou daquela "operação-Papa", mais isto e mais aquilo.

"Tenho a impressão de que são detalhes que distraem. E que são excessivos, impedindo aquela simplicidade que deveria marcar a vinda do Pai Comum, simplicidade à qual infelizmente se opõe o fato de, no menor espaço de tempo, querer-se o contato do Papa com o maior número possível de pessoas. Daí as gigantescas concentrações, os altares elevados nas praças e nos estádios, as despesas envolvidas.

---

*Mas afinal, por que toda essa expectativa? toda essa preparação?*

---

"Mas afinal, por que toda essa expectativa? toda essa preparação? Quem é ele? Quem é esse homem ao qual as multidões acorreram em São Domingos e no México, em janeiro do ano passado (4), apenas três meses após sua eleição; na sua terra natal, a Polônia, em pleno mundo comunista (5), cinco meses depois; mal haviam passado mais três meses, e ei-lo de novo saindo de Roma, ao encontro da Irlanda conflagrada e dos Estados Unidos; ainda mais dois meses, e vemo-lo em Istambul, a antiga Constantinopla, em visita ao Patriarca de duzentos milhões de cristãos ortodoxos, em busca da unidade perdida; em inícios de maio último (6), o seu contato com a vitalidade das jovens igrejas da África, em seis países desse continente; não transcorreram um mês desde essa viagem, e ei-lo demandando a capital da França, e dirigindo seu apelo às nações do mundo na UNESCO, como já o fizera, alguns meses antes, na ONU. . . Quem é João Paulo II?

"A resposta pode ser dada de muitas maneiras. Fundamentalmente é esta: ele é o Papa desta penúltima década (7) do segundo milênio cristão, que carrega aos ombros o peso da sucessão de João XXIII e de Paulo VI, os grandes fatores da convocação e realização do Concílio Ecumênico Vaticano II. Como Papa, ele é o responsável último pela direção que vai tomando, interna e externamente, a mais numerosa das igrejas cristãs, a Igreja Católica, de tão expressiva significação em nossa Pátria.

"Mas eu gostaria de oferecer, como resposta à pergunta acima, as duas metáforas que encabeçam estas linhas e que, no Novo Testamento, designam precisamente o papel de Pedro, o primeiro dos apóstolos e, na tradição católica, o primeiro Papa: como Pedro, também João Paulo II é a "Rocha" sobre a qual Cristo construiu a sua Igreja (Mt 16,18); como Pedro, também João Paulo II é o "Pastor" que deve tomar a seu encargo os cordeiros e as ovelhas do Senhor (Jo 21,15-17).

"Explicuem-nos. Não fossem palavras do próprio Cristo a seu apóstolo, tais metáforas, atribuídas a um homem (seja Pedro, seja João Paulo II), soariam como blasfemas. Blasfemas porque, segundo o Antigo Testamento, a "Rocha" é, invariavelmente, o próprio Deus — rocha e rochedo de refúgio (nos Salmos, p. ex. Sl 18,2; Sl 95,1 etc.), única pedra de socorro e de apoio (cf. 1Sm 7,12; Is 28,16); da mesma forma, o "Pastor" de Israel é o próprio Deus, e somente ele (cf. o Salmo 23 e, entre tantos outros textos, Ez 34, 11-16). No entanto, no Novo Testamento, há já uma primeira notável aplicação dessas metáforas ao próprio Cristo: é ele, agora, a Pedra, "que os construtores rejeitaram" e "que se tornou a pedra angular" (At 4, 11), e "pedra angular" também "do fundamento dos apóstolos e profetas", sobre o qual estamos edificadas (cf. Ef 2,20), o Rochedo "que dessedenta seu povo" (cf. 1 Cor 10, 4); e é ele também o Pastor, o bom Pastor, "que dá a vida por suas ovelhas" (Jo 10, 11-16).

---

*Pedro com a sua fé é a Rocha, o fundamento da Igreja.*

---

"Pois bem. Em Mt 16, 18 é o próprio Cristo quem diz, dirigindo-se a Pedro, que acabara de fazer a sua profissão de fé: "E eu te digo que tu és Pedro (no substrato aramaico *Kefá*, Céfás, isto é, rochedo, rocha) e sobre este rochedo, esta rocha, edificarei a minha Igreja". Isto é, Pedro com sua fé é a Rocha, o fundamento da Igreja. Pedro e aqueles que continuaram e continuam, na história, a desempenhar o seu encargo, no meio de seus irmãos, como o lembra Lc 22, 31-32: "Simão, Simão. . . roguei por ti, para que tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, confirma teus irmãos!" Rocha, portanto, pela sua fé."

Em Jo 21, 15-17, no mesmo evangelho em que Jesus se apresenta como o bom Pastor, seu último gesto, após a ressurreição, é a investidura de Pedro como pastor: "Si-

mão, tu me amas? . . . Apascenta, conduze, sê tu o pastor de meus cordeiros, de minhas ovelhas". Novamente Pedro, e os que lhe sucederam e sucedem, ao longo já de vinte séculos. Hoje, João Paulo II. Pastor, para dar a prova do amor. "Pastor" — pelo amor, como "Rocha" — pela fé."

Até aqui, o artigo-crônica de 29.06.80, cuja argumentação sucinta eu gostaria de retomar agora. Não, evidentemente, com a dimensão com que uma tese o faria — livros e livros têm sido escritos a respeito, mesmo recentemente <sup>(8)</sup> — mas pelo menos tentando aprofundar um pouco.

### 1. A "Pedra", Pedro, em Mt 16, 18

É sabido que o inciso mateano é tão ousado, tão exaltador de Pedro, que não faltam os que, ainda hoje, apesar da evidência textual, o classifiquem de interpolação, "criação da comunidade", em todo caso "não provindo do Jesus histórico" etc., porque os outros sinóticos, Mc e Lc, no mesmo episódio da confissão de Pedro (Mc 8, 27-30 e Lc 9, 18-21), não o têm.

Acontece que semelhante "interpolação" e "criação" não está isolada, não é a única. Encontra-se outra, em Lc 5, 1-11, no relato sinótico da vocação dos discípulos, que em Mc 1, 16-20 e Mt 4, 18-22 não apresenta a pesca milagrosa, relatada só por Lc com grande realce para a figura de Pedro: enquanto em Mc e Mt tanto Pedro como André recebem a promessa de serem feitos "pescadores de homens", em Lc é só Pedro quem a recebe. Aliás, o mesmo episódio é narrado por Jo 21 em contexto pós-pascal, com outros detalhes, mas com idêntico realce dado à figura de Pedro.

Outro caso de suposta "interpolação" teríamos em Mt 14, 22-33, que descreve a caminhada de Jesus sobre as águas e também a de Pedro, por permissão de Jesus, "acréscimo" petrino que não encontramos no relato paralelo de Mc 6, 45-52 e Jo 6, 14-21. . . Quero dizer: o inciso petrino em Mt 16, 13-20 não é um "acréscimo" isolado da comunidade mateana, pois também encontramos incisos semelhantes na comunidade lucana e na comunidade joanina, fazendo-nos defrontar assim com um acúmulo de convergências para este fato incontestado: Pedro foi escolhido pelo Jesus histórico para uma missão especial entre os seus discípulos, o que é sobejamente confirmado pelo testemunho dos primeiros 15 capítulos dos Atos dos Apóstolos, e reconhecido pelo próprio Paulo, p. ex. em Gl 1, 15-2, 14 <sup>(9)</sup>.

---

### *O interesse pelas falhas e vacilações de Pedro não tira nada da sua preeminência.*

---

Mas aprofundemos, agora, os famosos vv. 18-19 do inciso mateano, em que Jesus declara que Pedro é a pedra sobre a qual ele vai edificar a sua Igreja, além de plenipotenciário em cujas mãos entrega as *chaves* do Reino. Como o reconhece o calvinista BONNARD, "é certamente sobre a pessoa de Pedro, de Pedro enquanto confessor do Cristo, que Jesus vai edificar a sua Igreja, e não sobre sua fé ou sua confissão, como o afirmou a polêmica protestante" <sup>(10)</sup>. Da mesma forma, o anglicano ALBRIGHT, incisivamente: "Em vista do v. 19 logo a seguir, deve-se deixar de lado como interpretação confessional qualquer tentativa de ver *esta pedra* como significando a fé, ou a confissão

messiânica de Pedro. Negar a preeminente posição de Pedro entre os discípulos ou na primitiva comunidade cristã é negar a evidência. Confrim-se, neste mesmo evangelho segundo Mateus, as passagens 10, 2; 14, 28-31; 15, 15. O interesse pelas falhas e vacilações de Pedro não tira nada da sua preeminência: pelo contrário, enfatiza-a. Tivesse Pedro sido uma figura menor, o seu comportamento teria muito menor consequência (cf. Gl 2, 11s)" <sup>(11)</sup>.

No entanto, o que não referem BONNARD nem ALBRIGHT, essa dificuldade não é só "confessional", nem surgiu só após a Reforma. Pois, como o lembra e contesta MALDONADO, vários Padres da Igreja (e ele cita Hilário, Gregório Niseno, Crisóstomo e Cirilo de Alexandria) foram também de opinião que "a pedra" não era diretamente Pedro mas a sua confissão de fé. . . E AGOSTINHO, à luz da 1ª Carta aos Coríntios, chega a argumentar que, se "a pedra era Cristo" (1 Cor 10, 4) e se "ninguém pode pôr outro fundamento senão o que está posto, Cristo Jesus" (1 Cor 3, 11), então "a pedra" sobre a qual é construída a Igreja não pode ser Pedro. . . E de modo semelhante ORIGENES, para quem a "a pedra" são "todos os homens que tenham esta fé" <sup>(12)</sup>. Isto é, dificuldades ou preconceitos, confessionais ou não, encarregaram-se, ao longo da história, de complicar a leitura e a devida interpretação de um texto que, apesar de profundamente simbólico, não deixa de ser claro.

Com efeito, os vv. 17-19, contendo as palavras de Jesus a Pedro, formam, no texto de Mateus, uma clara resposta às palavras de Pedro a Jesus no v. 16, introduzido pelo v. 15. Isto é, deixando de lado a ironia de CARAGOUNIS <sup>(13)</sup>, a confissão de Jesus por Pedro cede lugar, nesta passagem, a uma "confissão de Pedro" por Jesus! E isto no evangelho segundo Mt, cuja eclesiologia é, fundamentalmente, "uma eclesiologia da fraternidade" (cf. Mt 23, 8-12) <sup>(14)</sup>. Qual, então, o propósito de Mt? Respondo com o cit. CLAUDEL: "Para ele, o problema crucial não é o do primado de Pedro ou o da instauração de uma hierarquia com ponta monárquica, mas o da legitimidade da Igreja do Filho do Deus vivo em sua pretensão de abrir as portas do Reino dos céus, face à contestação cada vez mais aberta da Sinagoga que aí está. Para Mt, a promessa feita antes a Pedro em Mt 16, 19 ("dar-te-ei as chaves. . . ligar e desligar. . .") legítima o poder exercido agora na Igreja (Mt 18, 18: também "ligar e desligar"). Em outros termos, na condição de primeiro (cf. Mt 10, 2) destinatário das promessas de Jesus, Pedro é para Mt o fiador fundamental da continuidade existente entre a *eksousia* antes exercida pelo Filho do Homem e a atual práxis eclesial (Mt 9, 6-8; 28, 18-20)" <sup>(15)</sup>.

---

### *O que temos de notável nesta "confissão de Pedro" por Jesus, nos vv. 17-19?*

---

Mas afinal, o que temos de notável nesta "confissão de Pedro" por Jesus, nos vv. 17-19? Tudo, tudo é extraordinário. A começar pelo macarismo, a bem-aventurança do v. 17: "Bem-aventurado és tu, Simão. . ." Depois, no v. 18, o jogo de palavras "Pedro-Pedra" que, como é sabido, supõe um original aramaico *kefá*, repetido literalmente, além de, no texto gr., o demonstrativo de proximidade "esta", referindo-se à "pedra" que "és tu, Simão". . . E

a "Igreja", em gr. *ekklesia*, correspondendo ao hebr. *qahal* ou o aram. *knestá*, termo usado pelo judaísmo da época para designar a comunidade escatológica<sup>(16)</sup> a ser "construída" por Jesus sobre Pedro, com a promessa de não sucumbir às "portas do Hades", isto é, ao poder da morte. Finalmente, no v. 19, nova confirmação da preeminência de Pedro, promovido a detentor das "chaves" do Reino dos céus, mais ainda que o Eliakim de Is 22, 22, que recebe aos ombros "as chaves da casa de Davi", e semelhante ao Filho do Homem de Ap 1, 18, que tem "as chaves da morte e do Hades". É verdade que o "ligar e desligar" que segue encontra-se *também* em 18,18 como prerrogativa de toda a comunidade, "de todos", não só de Pedro, dirá AGOSTINHO num de seus sermões<sup>(17)</sup>. . . Mas, que me desculpe AGOSTINHO: Mt 18, 18 não invalida Mt 16, 19. Completa-o, relativiza-o se quiser (e vice-versa!), mas não o invalida: se o "ligar e desligar" compete *também* à comunidade reunida, o "poder das chaves" está explicitamente confiado *só a Pedro*.

A esta altura, deixando de lado a erudição dos comentaristas europeus, creio que cabe uma referência especial ao que escreve, aqui no Brasil, Pe. Rômulo Cândido DE SOUZA, no seu livro "*Palavra, Parábola*"<sup>(18)</sup>, exatamente sobre o texto mateano que nos ocupa. Inspirado nas eruditas observações de Samuel KRUGLIKOFF, judeu-russo poliglota falecido em São Paulo, em 1985, Pe. Rômulo propõe uma exegese totalmente diferente das palavras de Jesus a Pedro, tentando comprová-la com abundante argumentação. Digo "tentando", porque as provas estão longe de serem apodíticas.

A argumentação de DE SOUZA/KRUGLIKOFF encontra-se no mencionado livro, às págs. 236-256, em três breves capítulos, intitulados: "Simão, tu és *kefá*. . . falei *kefá*" (p. 236), "Um filho se gera e se constrói" (p. 246), e "Para que serve uma chave" (p. 250). DE SOUZA parte da surpreendente afirmação de que o substrato aramaico *kefá*, em Mt 16, 18, foi erroneamente traduzido por Mt como *Petros-Petra*, uma vez que significa não simplesmente "pedra" ou "rochedo" mas uma *gruta rochosa*, um *rochedo escavado*. E comprova isto pelos dois únicos empregos do correspondente hebr. *kef* (plural *kefim*) no AT: Jó 30, 6 e Jr 4, 29, que são traduzidos respectivamente, nos LXX, por *trôglai petrôn* (cavidades das rochas) e *spélaia* (cavernas). E lembra que, para a idéia de pedra maciça, rocha, o hebr. dispõe, entre outros, dos termos *tsur* e *sela*, não *kef*. . . E a quem argumentasse que Jesus falou em "construir" a sua Igreja, o que não pode acontecer numa "gruta" mas *sobre a "rocha"*, ele contra-argumenta duplamente: Igreja, *ekklesia*, é assembléia de pessoas, não um edifício de pedras. . . e "construir", em hebr. *banah*, significa *também* "criar", "gerar", "fazer surgir", como em Gn 2, 22: "Da costela do homem Deus fez surgir (lit. *construiu*) a mulher". . . Isto é, Jesus fará surgir, vai gerar, no abrigo da "rocha escavada" que é Pedro, a sua comunidade, a sua Igreja.

---

*A metáfora é realmente a da construção sobre a rocha.*

---

A esta argumentação, até que lógica e interessante,

há várias observações a fazer: 1) Mt de fato traduziu *kefá* não por *spélaion* (gruta) mas por *pétros-petra*, e *pétra* significa "rocha"; 2) quanto à metáfora da "construção" aplicada à Igreja, os autores DE SOUZA/KRUGLIKOFF esqueceram-se de conferir 1Pd 2, 4-5: Cristo, a pedra viva rejeitada mas escolhida. . . e os cristãos, pedras vivas, constituindo-se em edifício espiritual; da mesma forma, Ef 2, 19-11: os cristãos, *edificados* sobre o fundamento dos apóstolos e profetas. . .; também na 1Cor 3, 16-17 os cristãos são *o templo* de Deus, que ninguém pode *destruir*; e em Jo 2, 19 o corpo do Cristo é o templo que, destruído, será levantado, reedificado em três dias. . . Isto é, quando Jesus em Mt fala em "construir" a Igreja, a metáfora é realmente a da construção sobre a rocha e não a do abrigo numa gruta, como teriam descoberto DE SOUZA/KRUGLIKOFF. E a "rocha" não é Pedro "carne e sangue", na sua fragilidade abandonada a si mesma, mas Pedro iluminado pelo Pai e por isso confessando Jesus como o Messias e Filho do Deus vivo.

## 2. O "Pastor", Pedro, em Jo 21, 15-17

Já ressaltai, acima, que o impressionante, nesta metáfora de Pedro "Pastor", é que ela se encontra precisamente no quarto evangelho, em cujo cap. 10 Jesus reivindica para si próprio, e com radicalidade exclusiva, o ofício e a qualidade de Pastor, o bom Pastor. À luz de Ez 34, 1-10, que denuncia os "pastores que se apascentam a si mesmos" (v. 2) e dos quais o Senhor livrará (!) as suas ovelhas (cf. v. 10), Jesus classifica de "ladrões e assaltantes" (!) "todos" os que vieram "antes" dele (Jo 10, 8) e, retomando e ultrapassando Ez 34, 11ss, declara-se enfaticamente, num dos típicos "Eu sou" joaninos: "Eu sou o bom Pastor" (Jo 10, 11a). E logo explica: "O bom pastor dá a vida por suas ovelhas" (v. 11b). Notar que "bom", em gr. *kalós*, não é apenas "bondoso" ou "bonzinho", mas autêntico verdadeiro, ideal, o "Pastor" digno desse nome, que não é "mercenário" (v. 12) nem, muito menos, "ladrão e assaltante" (v. 8).

Pois bem, é nesse evangelho, repito, em que Jesus reivindica com tal exclusividade o ofício de "pastor", é aí que encontramos, no c. 21, em contexto de perdão e ternura, a *investidura de Pedro como pastor* (vv. 15-17), e pastor que, como tal, dará sua vida, e com sua morte "dará glória a Deus" (vv. 18-19)!

---

*Necessidade de relatar a plena restauração de Pedro no seu encargo apostólico.*

---

Poderá alguém contra-argumentar que o c.21 de Jo é um apêndice, e literariamente o é, após a clara conclusão do livro no c.20, vv. 30-31. Mas o é pelo mesmo redator, ou por algum seu discípulo, no círculo da comunidade joanina (cf. o "nós" do v. 24 e o "eu" do v. 25, na conclusão desse mesmo c.21), e um redator que, reconhecendo embora o papel carismático do Discípulo Amado, sente necessidade de relatar a plena restauração de Pedro no seu encargo apostólico, e o faz focalizando Pedro em primeiro plano nas várias cenas do capítulo: é Pedro quem lidera o convite para a pesca (v. 3); é Pedro quem, uma vez reconhecido o Senhor, atira-se logo à água para chegar mais depressa que os outros à sua presença (v. 7); é Pedro

quem, interpelado três vezes por Jesus, dele recebe, sozinho, mesmo estando aí os outros discípulos, o encargo de apascentar "os meus cordeiros e as minhas ovelhas" (vv. 15-17); é Pedro quem recebe, pessoalmente, o anúncio do próprio martírio e o convite renovado ao seguimento (vv. 18-19); é Pedro quem, finalmente, em contraste com o Discípulo Amado, que deve misteriosamente "permanecer", recebe o reiterado convite, ainda mais enfatizado: "quanto a ti, segue-mel" (vv. 20-22).

No diálogo central, dos vv. 15-17, é curiosa a alternância dos sinônimos: "amar" é expresso alternadamente por *agapan*, amar, e *filein*, ser amigo, querer bem; "apascentar" é expresso por *bóskhein*, apascentar, alimentar, e *poimainein*, pastorear; o rebanho inclui *arnta*, cordeiros, e *próbatia*, ovelhas (além de também, no v. 17, em alguns mss, *probátia*, ovelhinhas); "saber" é expresso três vezes por *oída*, saber, e uma vez por *ginóskein*, conhecer. Somos tentados a ver uma intencionalidade nesses sinônimos, mas, por motivos que não podemos desenvolver neste artigo<sup>(19)</sup>, não concordam os intérpretes na identificação das nuances do texto joanino<sup>(20)</sup>.

O que é suficiente e meridianamente claro é que Pedro reafirma com humilde ternura o seu amor ao Mestre, reparando a tríplice negação da noite do aprisionamento (cf. Jo 18, 15-27), e por três vezes é intimado a dar a prova da sinceridade desse amor no compromisso: se me amas, assume o encargo de Pastor do meu rebanho, isto é, provarás que me amas a mim se te devotares a apascentar e pastorear os meus cordeiros e minhas ovelhas. . . A propósito, a bela passagem da 1ª Carta de Pedro, c. 5, 1-4, parece-nos ser o mais belo depoimento da sinceridade e humildade com que o Pescador assumiu o encargo de Pastor: não pretendendo exercê-lo sozinho, mas querendo levar seus coirmãos, os co-presbíteros, a apascentarem o rebanho "não como senhores", "não por coação", mas com "dedicação", e como "modelos" a serem imitados, no aguardo da vinda do Supremo Pastor<sup>(21)</sup>. Era a lição aprendida do ensinamento constante de Jesus, de que a autoridade, na sua Igreja, entre seus discípulos, será sempre *serviço*. E é por isso que falamos numa Igreja "toda ministerial" — embora ao mesmo tempo hierárquica; numa Igreja que é hierárquica, dirigida por pastores, com e sob Pedro — pastor — é ao mesmo tempo, "toda ministerial"<sup>(22)</sup>.

### 3. Só Pedro, ou, ao longo da história, seus sucessores?

O título deste artigo já dá a resposta, evidente na tradição católica, mas não tão clara para nossos irmãos separados, com diferente tradição eclesiológica. Sirva de exemplo a posição do já citado BONNARD, calvinista, a respeito de Mt 16, 17-19, posição que logicamente vale também para Jo 21, 15-17: "Esta promessa ou profecia do Cristo mateano dirige-se estritamente só a Pedro, sem qualquer alusão a 'sucessores' eventuais; é a pessoa histórica de Pedro, enquanto apóstolo e confessor da fé, que permanece a pedra ou o fundamento único sobre o qual o Cristo constrói a sua Igreja; e o que sabemos dos primeiros dias da Igreja histórica em Jerusalém, pelos Atos dos Apóstolos e as Cartas, confirma esta declaração do Cristo mateano"<sup>(23)</sup>.

O problema, pelo visto, é hermenêutico. O texto aí está, límpidíssimo no que se refere à posição privilegiada de Pedro, o Pedro histórico, enquanto primeiro dos apóstolos e confessor da verdadeira fé cristológica, ponto de

partida do Cristianismo, a comunidade de fé dos que professam que Jesus é "o Cristo, o Filho de Deus vivo". . . E o texto, de fato, não alude diretamente aos *sucessores de Pedro*, como, aliás, nenhum outro texto do NT, quanto me lembro, alude aos *sucessores dos apóstolos*. Mas, então, as palavras de Jesus aos Doze diziam respeito só aos Doze enquanto pessoas históricas?

---

### As palavras de Jesus aos Doze diziam respeito só aos Doze enquanto pessoas históricas?

---

Aqui, evidentemente, há toda a problemática do projeto do Jesus histórico com seu anúncio do Reino, agora (cf. Mc 1, 14-15), e com a resultante expectativa da Parusia próxima, enquanto Lucas, nos Atos dos Apóstolos, já descreve uma Igreja que se expande "até os confins da terra" (At 1, 8), que é propagada por missionários e pastoreada por episcopos-bispos (cf. At 20, 28) e que, segundo Mt, conta com a presença do Ressuscitado-Emanuel "até a consumação dos séculos" (Mt 28, 20). . . Como, então, não aplicar *aos sucessores dos Apóstolos*, colegialmente, as palavras de Jesus ao grupo dos Doze, e como não aplicar *aos sucessores de Pedro*, individualmente, as palavras de Jesus a Pedro?

Repito, é um problema hermenêutico, típico para ilustrar a relação entre Escritura e Tradição. O texto é um só, reconhecido como autêntico pelas várias denominações cristãs, mas a interpretação é diversa, exatamente de acordo com a tradição de cada uma dessas denominações<sup>(24)</sup>.

### Conclusão

Não é triunfalismo ultramontano, nem é "papolatria" do período entre o Vaticano I e o Vaticano II, reafirmar com clareza que Pedro, hoje João Paulo II, é a "pedra" sobre a qual a Igreja está edificada, é o "pastor" que deve apascentar o rebanho. Aliás, como se isto não bastasse, Pedro, hoje João Paulo II, é aquele por quem o Senhor orou expressamente para que, "convertido, confirme seus irmãos" (cf. Lc 22, 31-32).

Não, portanto, para engrandecer-se, nem para ser engrandecido, mas para servir. É também por isso que a Igreja, hoje como nos Atos dos Apóstolos, continua a orar instantaneamente por ele (cf. At 12, 5), para que o Senhor o liberte, confirme-o, e o fortaleça. Para que ele possa continuar a ser, na Igreja universal<sup>(25)</sup>, e venha a ser, aqui em Santa Catarina, na sua próxima visita, confirmando seus irmãos, "rocha" — pela sua fé, "pastor" — pelo seu amor.

### NOTAS:

(1) De fato, João Paulo II iniciou sua primeira visita ao nosso País no dia 30.6, daquele ano de 1980.

(2) Repito: o artigo estava sendo publicado em data de 29.6, dia de São Pedro.

(3) Então, eu escrevia na véspera da visita. Agora, faltando ainda alguns meses, é claro que a imprensa, que focaliza o acontecimento, não demonstra já o interesse que inevitavelmente eclodirá quando a visita acontecer.

(4) Era o ano de 1979: no México, em janeiro, celebrava-se a famosa III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla, aberta justamente por João Paulo II.

(5) Estava-se longe, ainda, da "queda do muro de Berlim" e de todas as mudanças ocorridas no Leste europeu em 1989.

(6) Em 1980.

(7) Repito: estávamos em 1980, iniciando, portanto, a penúltima década.

(8) Cito aqui apenas duas teses, cuja recensão acabo de ler: a de CLAUDEL, G., "La confession de Pierre: trajectoire d'une péripécie évangélique" (EBib n.10) Paris Gabalda, 1988, recenseada por MONTAGUE, G. T. in CBQ 1990, n.4, p. 740-741; e a de CARAGOUNIS, Ch. C., "Peter and the Rock" (BZNW 58) Berlim — New York, W. de Gruyter, 1990, recenseada pelo cit. CLAUDEL, G. in *Biblica* 1990, n. 4, p. 570-576.

(9) Ou, como sintetiza CLAUDEL, G., já citado na Nota anterior: "Acentuo que, mesmo em correntes eclesiais que não lhe são incondicionalmente favoráveis, reconhece-se a Pedro um certo papel de hipotecário que vem sancionar a validade de uma decisão ou iniciativa. Assim, é Paulo subindo a Jerusalém após seu primeiro ministério (Gl 1, 18; 2, 2); é a aparição do Ressuscitado a Simão convalidando a experiência pascal de Cléofas e seu companheiro de Emaús (Lc 24, 34); nos Atos, é Pedro convalidando uma abertura aos pagãos (At 15, 7-11) da qual foi ele o iniciador constringido pelo Espírito (At 10, 1-11, 18); em João, apesar do papel carismático outorgado ao Discípulo Amado, é Pedro o porta-voz, como em Mt 16,6, da fé apostólica (Jo 6, 68-69) e, como em Mt 16, 18, plenipotenciário testamental de Jesus (Jo 21, 15-18)". . . cf. *ibid.* p. 574-575.

(10) Cf. BONNARD, P., "L'Évangile selon St Matthieu", 2ª ed., Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1970, p. 245.

(11) Cf. ALBRIGHT, W. F. e MANN, C. S., "Matthew", col. Anchor Bible, Doubleday, Garden City, N. York, 1971, p. 195.

(12) Cf. MALDONADO, Comentário a S. Mateus, trad. espanhola in BAC, Madrid, 1956, p. 581.

(13) Cit. por CLAUDEL, G., na recensão cit. in *Biblica*, 1990, n. 4, p. 571-572.

(14) *Id.*, *ibid.*, p. 571.

(15) *Id.*, *ibid.*

(16) Cf. MONTAGUE, G. T. na recensão cit. in CBQ 1990, n. 4, p. 740.

(17) Citação de AGOSTINHO: "Não foi apenas um homem, Pedro, que recebeu as chaves do Reino, mas a Igreja toda. Quando Cristo disse 'Eu te entrego as chaves', estava entregando as chaves a todos" (cf. ML 38, 1349, cit. em DE SOUZA, R. C., "Palavra, Parábola — uma aventura no mundo da linguagem", Ed. Santuário, Aparecida, SP, 1990, p. 250).

(18) Cit. na Nota anterior, e do qual, aliás, saiu uma recensão totalmente desfavorável de BETTENCOURT, E. in "Pergunte e Responderemos", n. 341, outubro de 1990, p. 455-462. BETTENCOURT mostra, a meu ver convincentemente, a falácia do método etimológico, quando não leva em conta o processo semântico.

(19) Cf., p. ex., a argumentação de BRUCE, F. F. em seu excelente comentário a João na "Série Cultura Bíblica" das Ed. Vida Nova, SP, 1987, p. 344-345 e, mais pormenorizadamente, BROWN, R. E. no seu

"The Gospel according to John", vol. II, Anchor Bible, Doubleday, N. York, 1970, p. 1102-1105.

(20) MATEOS/BARRETO, porém, em seu grande comentário sobre "O Evangelho de S. João", Ed. Paulinas, SP, 1989 (trad.), p. 870-881, fazem interessantes ponderações, também a partir das nuances do vocabulário, enriquecendo sobremaneira a compreensão do texto. Não dizem, porém, uma palavra sobre o ministério petrino do Papa, o que, num comentário católico, é de estranhar.

(21) Aliás, na mesma carta, no c. 2, 25, depois de referir-se ao sofrimento redentor de Jesus, Pedro já o havia designado como "o Pastor", e também "o Bispo" (supervisor, guardião!) da Igreja (1 Pd 2, 25). Isto não o impede de, sob e com o Pastor supremo, considerar-se também, ele, Pedro, pastor: cf. a citada passagem do c. 5, 1-4.

(22) Por isso, não sei bem onde quer chegar um estudo como o do último número da "Revista de Cultura Vozes" (jan. — fev. de 1991), intitulado "A Igreja e o exercício do poder". Embora o editorial diga que é "a fidelidade ao ideal evangélico de comunidade que espicaça e impele a rever o exercício do poder sacro", e diga também que "o amor ao Evangelho e à Igreja. . . pervadiu a todos nessa iniciativa", a saber, a de "criar uma entidade de defesa dos direitos do povo de Deus e de promoção da democracia eclesial", confesso que a impressão, ao folhear a revista, foi de mal-estar. Não dá para entrar em detalhes, porém, nesta Nota. O corpo do meu artigo exprime suficientemente o que penso.

(23) Cf. BONNARD, P., "L'Évangile selon St Matthieu", Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1970, p. 245; e, de forma semelhante, o anglicano TASKER, R. V. G., in "Mateus, Introd. e Comentário", da "Série Cultura Bíblica", Ed. Vida Nova, SP, 1980, p. 126-127.

(24) A propósito, cf. a maneira serena como expõe o fato desta e de outras divergências de interpretação a "Tradução Ecumênica da Bíblia", TEB (versão brasileira da TOB, Ed. Du Cerf, Paris, 1972 o NT, 1975 o AT; aqui entre nós Ed. Loyola, SP, 1987 o NT, esperando-se para breve o AT), em Nota a Mt 16, 18: "A tradição católica aduz este texto para fundamentar a doutrina segundo a qual os sucessores de Pedro herdaram o seu primado. A tradição ortodoxa opina que, em suas dioceses, todos os bispos que confessam a verdadeira fé integram-se na sucessão de Pedro e dos demais apóstolos. Por sua vez, os exegetas protestantes, embora reconheçam a posição e a função privilegiada de Pedro nas origens da Igreja, estimam que Jesus só tem em vista, aqui, a pessoa de Pedro".

(25) Dois exemplos recentes dessa atuação a nível mundial, de quem se sente responsável pelo rebanho do mundo: na guerra do Golfo, em janeiro p.p., João Paulo II foi a voz impertérrita, insistente, de certo modo solitária, em favor do bom senso e da paz; e agora, a 1ª de maio, na comemoração do centenário da "Rerum Novarum", a "Centésimus Annus" é novamente a voz que analisa com sabedoria o cenário do planeta neste final de milênio, voz de pastor universal que aponta caminhos de esperança.

Endereço do autor: — ITESC — caixa postal 5041 — 88041 FLORIANÓPOLIS, SC

## JOÃO PAULO II NO BRASIL: TENTATIVA DE SÍNTESE

Artigo publicado originalmente na REB de setembro de 1980

+ Pe. Paulo Bratti

1º Diretor do ITESC, falecido em 1982

### Nota de Redação:

Pensando em fazer a memória da primeira visita de João Paulo II ao nosso País em 1980, como preparação para a segunda visita, que ocorrerá em outubro deste ano, deparamos com um artigo do nosso preterito Pe. Paulo Bratti, primeiro Diretor do ITESC, falecido prematuramente a 15.5.1982. Reproduzimos o artigo literalmente, tal como foi publicado na REB de setembro de 1980 (fasc. 159, pp. 416-424). De resto, valeria a pena compulsar todo esse núme-

ro especial esplêndido, da nossa REB, com depoimentos e análises de, além de Paulo Bratti, Leonardo (três artigos!) e Clodovis Boff, J. B. Libânio, H. C. de Lima Vaz, L. A. Gomes de Souza, Pedro A. R. de Oliveira, H. Lepargneur, E. Hoornaert, Mª Clara L. Bingemer, T. de Athayde (duas crônicas), A. de Godoy Sobrinho (protestante), Mª C. de Freitas, Róvilio Costa, D. Moacyr Grecchi, João Xerri. Chama a atenção o tom entusiasticamente positivo dos depoimentos, sintetizados pela última frase do Editorial assinado